

BOBO KEITA: DE CAMPO EM CAMPO



Por: [Norberto Tavares de Carvalho](#), "O Cote"¹



04.02.2009

Filho de Fofana Keita, descendente do Mali, de confissão muçulmana, nascido na Guiné-Conacri, tabanca de Dabis, região de Boké e de N'balia Turé, de origem Susso da parte paterna e Pepel de Safim da ala materna, Bobo Keita nasceu em Bissau no dia 24 de Setembro de 1939. Trinta e quatro anos mais tarde, por um simples azar de calendário, esta data coincidiria com a da proclamação de um novo Estado soberano em África: a República da Guiné-Bissau, pelo Partido Africano da Independência da Guiné e de Cabo-Verde, o PAIGC.

Bobo Keita seria um dos seus mais fiéis artesãos. O seu pai, alfaiate, preparou-o muito cedo para empunhar a tocha da profissão que o fez correr secas e mecas, para entre curtas e longas paragens, chegar a Bissau e conhecer a sua futura mulher, Eusébia N'balia Turé que viria a dar-lhe quatro filhos: duas raparigas e dois rapazes.

Bobo seria o primeiro descendente da nova linhagem dos Keita. Dextro e hábil, impregnado das lições sustentadas de filosofias muçulmanas, o jovem Bobo acabaria por dominar a profissão de alfaiate a ponto de, mesmo cansado, após uma árdua jornada escolar, arranjar ainda forças para alinhar alguns panos e pedalar no trilho fechado duma *Singer*. Na ausência do pai, que entretanto partira para uma campanha no sul da Guiné, era necessário ajudar a mãe na educação dos seus irmãos mais novos.

Na cidade de Bissau da altura, os jovens não tinham outro passatempo que não fosse o de correr atrás de bolas de trapo. Cedo, Bobo Keita mostrou ser um talentoso jogador de futebol, ambidextro, veloz e percutante nas suas descidas. Curiosamente, a sua primeira

¹ A pedido do seu filho Yúri Keita, em nome da família.

equipa ostentava a apelação « *Estrela Negra* » a mesma que o PAIGC adoptaria na sua luta contra o colonialismo português.

Um belo dia, na Granja de Pessubé, cruzou-se com um homem que todos chamavam "Sr. *Engenheiro e que tinha uma mulher branca*". O homem, divertido com a sua engenhosidade, ofereceu-lhe uma bola. Num tom brincalhão Bobo diria que o Engenheiro Amilcar Cabral afinal tinha-lhe passado a bola "... *contando de certeza receber mais tarde o passe de volta, ... mas sem fintas*".

Entre a escola, as bolas de trapo e o ruído a horas tardias, da *Singer*, o seu futuro parecia todo moldado. Até o dia em que, convocado para a selecção nacional da então Guiné Portuguesa foi disputar um torneio de futebol na República do Ghana, ex-colónia inglesa que proclamara a sua independência no dia 6 de Março de 1957. Aí, aos dezassete anos de idade, Bobo tomou conhecimento dum homem que iria mudar completamente os projectos do Sr. Keita, seu pai.

Tratava-se do Presidente Kwame N'krumah, primeiro homem de Estado do Ghana independente. No discurso de abertura do torneio que Kwame N'krumah proferiu no jardim do seu palácio, o jovem Bobo ficaria de repente suspenso nos lábios daquele homem negro, de estatura fina, vestido de um simples pano que o envolvia e descaía dos seus ombros e umas sandálias de couro, finas mas bem sólidas, que do alto da sua estatura, a cabeça já com indícios de calvície, pronunciava palavras que pareciam vir do além, duma outra experiência. E um vigoroso despertar operou-se na mente do jovem futebolista, algo que antes nunca tinha experimentado. E a sensação de revolta que experimentou contra o poder colonial, deu, naquele breve momento, um novo elã aos seus sonhos. "*Nunca ouvi alguém falar assim!*"- diria mais tarde.

A amizade subtil que granjeou pelas figuras de Amilcar Cabral e de Kwame N'Krumah, fá-lo-ia abandonar Bissau, no dia 26 de Dezembro de 1960, sob a orientação de Rafael Barbosa, dirigente do PAIGC em Bissau, rumo a Conacri.

Jogando pelo caminho, Bobo Keita, acompanhado doutros rapazes, acabou por apresentar-se frente ao mesmo Engenheiro que o tinha oferecido a bola em Bissau. O retorno do passe estava feito e para o Bobo, tratava-se agora de mudar de campo.

Uma formação de base político-ideológica sob o patrocínio do "Engenheiro" e uma outra de cunho militar no ex-Leste Europeu, foram suficientes para galvanizar o espírito combativo do jovem alfaiate. De campo em campo, contra o exército colonial português, Bobo Keita marchou com garbo e aprumo, comandou homens, libertou regiões, dirigiu populações e ascendeu ao posto de Comandante da Frente Leste.

Último chefe de guerrilha que se entrevistou com Amilcar Cabral poucas horas antes do seu assassinato em Conacri, estaria presente em Boké aquando da captura de um dos assassinos e a descoberta e libertação de Aristides Pereira, Secretário-Geral Adjunto do PAIGC, amarrado no fundo do barco por Inocêncio Kani, que o transportava, disposto a entregá-lo às autoridades portuguesas.

Depois do 25 de Abril, Bobo Keita participaria, ao lado do Comandante Pedro Pires, nas negociações de Londres e de Argel, entre o PAIGC e o Governo português, este, chefiado pelo Dr. Mário Soares, para o reconhecimento *de jure* da independência da Guiné-Bissau, proclamada unilateralmente pelo PAIGC, no dia 24 de Setembro de 1973, data do trigésimo quarto aniversário de Bobo Keita.

Cumprida a missão de libertar a Guiné do jugo colonial e com iminentes perspectivas de Cabo-Verde alinhar a mesma sorte, no dia 12 de Setembro de 1974, quarenta e oito horas depois do reconhecimento oficial da República da Guiné-Bissau pelo governo português, Bobo Keita, depois de ter comandado o descer da bandeira portuguesa nos quartéis do exército português no leste e, no seu lugar, o içar da do PAIGC, entrava triunfante em Bissau, acompanhado dos seus homens.

A sua pontualidade e o seu percurso ímpar, levá-lo-iam, no mesmo mês de Setembro de 1974, a escoltar, com as devidas cautelas, o último Governador de Portugal em terras da Guiné-Bissau, o General Carlos Fabião, membro do histórico Movimento das Forças Armadas (MFA) que derrubou o colonial fascismo do Dr. Oliveira Salazar e do Professor Marcelo Caetano, ao Aeroporto Internacional de Bissalanca, onde o esperava o avião militar que o devia conduzir de regresso à sua verdadeira Pátria.

Bobo Keita e Carlos Fabião fechavam assim um volume de cinco séculos de história colonial e abriam uma nova alvorada no relacionamento entre os povos da Guiné e de Portugal.

Graduado 1º Comandante (Coronel) das Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP), depois da entrada do PAIGC em Bissau, Bobo encarregar-se-ia da logística das FARP. O golpe de estado de 14 de Novembro de 1980, surpreendê-lo-ia numa missão de serviço em Cabo-Verde, na cidade da Praia. Bobo Keita, convencido de que o golpe não correspondia ao espírito de união do seu partido, embora aceitasse que o PAIGC cometera erros depois da independência "... *quem trabalha pode cometer erros...*", dizia ele, desvincular-se-ia da acção de João Bernardo Vieira, "Nino", que considerou de antemão, "... *incapaz até de governar a sua casa...*".

De costas viradas com um chefe com quem já não partilhava ideias, resolve radicar-se em Cabo-Verde. Neste país, que proclamara a sua independência no dia 5 de Julho de 1975 sob a égide do PAIGC, contribuiria na florestação de São Jorginho, há alguns passos da cidade da Praia e noutras actividades de relevo que marcaram de certa maneira o seu incansável carácter de organizador atento e dinâmico.

Vítima de uma longa doença, difícil e tenaz, ainda teve forças de produzir elementos gravados para a edição do livro que, brevemente, a ele será consagrado. Infelizmente, não assistirá à sua publicação. Bobo Keita faleceu em Lisboa, às 07h00 da manhã, de quinta-feira dia 29 de Janeiro de 2009. Antes de morrer, num sinal de amor e de reconhecimento por Cabo-Verde, país que tão bem o acolheu e garantiu a totalidade do seu tratamento, preferiu que, após a sua morte, o seu corpo repousasse na cidade da Praia. Que descanse em paz, Comandante!



VAMOS CONTINUAR A TRABALHAR!

Projecto Guiné-Bissau: **CONTRIBUTO**

www.didinho.org